

O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE) e outras experiências no campo de formação de professores na Escolinha de Arte do Brasil (EAB)

Sidiney Peterson Ferreira de Lima*

Resumo

O presente trabalho está relacionado ao processo de pesquisa de doutorado, em andamento, denominada *O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE) e suas contribuições para a formação de arte/educadoras(es) no Brasil* e tem como finalidade, ao destacar diferentes experiências formativas, realizadas no âmbito da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), no decorrer dos anos de 1950, apontar ações que deram visibilidade à EAB, como espaço de formação docente, até a criação do “Curso Intensivo de Arte na Educação” (CIAE), em 1961, sua maior expressão nesse campo. O artigo está organizado em três partes, na primeira contextualizamos o espaço de criação do CIAE, ou seja, a EAB e como a instituição passou de espaço exclusivo de realização de ações para crianças à espaço de formação de professores, na segunda parte realizamos alguns apontamentos sobre o CIAE, destacando alguns escritos (em artigos e capítulos de livros) sobre o CIAE. Finalizamos com algumas considerações a respeito do delineamento da nossa pesquisa ou dos desejos e de uma forma de olhar para a experiência CIAE, um marco na história da formação de arte/educadores no Brasil.

Palavras-chave: CIAE, história, arte/educação, formação de professores

*Doutorando no PPG em Artes do Instituto de Artes- Universidade Estadual Paulista (UNESP), Mestre em Artes pelo Instituto de Artes (UNESP). e-mail: sidney.peterson@gmail.com

O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)

El Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE) y otras experiencias en el campo de formación de profesores en la Escolinha de Arte do Brasil (EAB)

Resumen

El presente trabajo se inscribe en el marco de la investigación de doctorado en curso, cuya temática de estudio es *O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE) e suas contribuições para a formação de arte/educadoras(es) no Brasil*. Dicho trabajo tiene como finalidad recuperar las acciones que dieron visibilidad a la Escolinha de Arte do Brasil (EAB) como espacio de formación docente en el transcurso de los años '50, experiencias que se desarrollaron hasta la creación del "Curso Intensivo de Arte na Educação" (CIAE) en 1961, siendo esta última su mayor expresión en el ámbito de la EAB. El artículo está organizado en tres partes, en la primera contextualizamos el espacio de creación del CIAE, es decir cómo la EAB pasó de espacio exclusivo de realización de acciones para niños a espacio de formación de profesores. En la segunda parte realizamos algunos apuntes sobre el CIAE, destacando ideas publicadas en artículos y capítulos de libros. Finalizamos con algunas consideraciones acerca del lineamiento y las expectativas de nuestra investigación, aportando una mirada de la experiencia CIAE en el marco de la historia de la formación de arte/educadores en Brasil.

Palabras clave: CIAE, historia, arte/educación, formación de profesores

The Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE) and other experiences in the field of teacher training in the Escolinha de Arte do Brasil (EAB).

Abstract

The present work is related to the ongoing doctoral research process, called *O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE) e suas contribuições para a formação de arte/educadoras(es) no Brasil* and its purpose is to highlight different formative experiences in the Escolinha de Arte do Brasil (EAB), during the 1950s, pointed out actions that gave visibility to the EAB, as a space for teacher education, until the creation of the “Curso Intensivo de Arte na Educação” (CIAE), in 1961, his greatest expression in this field. The article is organized in three parts, in the first we contextualize the creation space of the CIAE, that is, the EAB and how the institution went from exclusive space of accomplishment of actions for children to the space of teacher training, in the second part we made some notes on the CIAE, highlighting some writings (in articles and book chapters) on the CIAE. We conclude with some considerations regarding the design of our research or desires and a way of looking at the CIAE experience, a milestone in the history of art education/educators in Brazil.

Keywords: CIAE, history, art/education, teacher training

Escolinha de Arte do Brasil (EAB): movimentos e desdobramentos

História é interpretação

Ana Mae Barbosa

Citada por educadores (Barbosa, 1975; Teixeira, 1970; Frange, 2001) como uma experiência modelo de um processo educativo que se apoia na arte para desenvolver a capacidade criadora da criança, a Escolinha de Arte do Brasil (EAB), criada em 1948¹ na cidade do Rio de Janeiro, manteve tão forte repercussão no contexto educacional brasileiro que, nos anos seguintes à sua fundação, outras iniciativas similares foram empreendidas em diferentes estados do país. Entre as primeiras Escolinhas criadas na década de 1950, destacam-se como pioneiras as Escolinhas de Cachoeiro do Itapemirim², dirigida por Izabel Braga Rocha, a Escolinha de Arte do Círculo Militar de Porto Alegre, dirigida por Edna Soter e Major Fortunato de Oliveira, a Escolinha de Arte da Bahia, dirigida por Maria Rosita Salgado Góes e a Escolinha de Arte do Recife, dirigida pela arte/educadora Noemia de Araújo Varela.

As ações da Escolinha de Arte do Brasil ecoaram por décadas no Brasil e no exterior, provocando o reconhecimento do que veio a se denominar Movimento Escolinhas de Arte (MEA). Este Movimento, até o final dos anos de 1970, congregou 144 Escolinhas de Arte (EAB, 1978) que, em comum, trabalhavam fora do sistema educacional público ao mesmo tempo em que buscava, independentemente, em seu processo de desenvolvimento, contaminá-lo pelo princípio filosófico maior da Escolinha de Arte do Brasil e, por decorrência, do MEA: a “educação através da arte”, programa de ação que fundamentou as práticas na EAB e que tem como principal divulgador o crítico inglês Herbert Read (2001[1943]) que escreveu a obra *Educação pela arte*. Contudo, acreditamos que

¹Sobre a criação da Escolinha de Arte do Brasil cf: Lima (2012), Azevedo (2000), Costa (1990).

²Para estudos mais aprofundados sobre a instituição cf: Oliveira (2013).

outras experiências e escritos, realizados por educadores e educadoras artistas latino-americanos, tenham transitado pela Escolinha de Arte do Brasil.

Com a divulgação da proposta da EAB, a partir da década de 1950 predomina no país a “interpretação do desenho infantil como produto de habilidades conaturais da criança para interpretar o mundo” (Antonio, 2012, p. 16) ao seu redor. Uma criança considerada como um ser dotado de capacidade para se expressar com “beleza e arte” (Antonio, 2012), sem a necessidade de orientação de adultos, pois, qualquer tipo de intervenção bloquearia este fazer que “vem de dentro”. Este conceito de “criança criadora” alcançou grande difusão com as exposições de desenhos e pinturas infantis³ no período modernista. Nas produções infantis havia “um valor intrínseco celebrado: o valor da expressão livre de amarras sociais e de dogmas estéticos” (Antonio, 2012, p. 16). As exposições e coleções de “arte infantil”,⁴ expressão que se tornava bastante popular naquele momento, foram “álibis para a aceitação da Pedagogia centrada na criança do Modernismo” (Barbosa, 2015, p. 310), bem como podem ser entendidas como “um meio de convencimento da importância da Arte na Educação” (Barbosa, 2015, p. 310).

O entendimento da arte como atividade fundamental no processo de desenvolvimento da criança passou a exigir a formação de um educador preparado para atuar como estimulador da capacidade criadora (Antonio, 2012). Dessa forma, a Escolinha de Arte do Brasil passou a trabalhar no sentido de incentivar a difusão de seus princípios ideológicos e filosóficos, contudo, era necessário

³Entre elas destacamos a realização da Exposição de desenhos de escolares ingleses (RJ, SP, MG) em 1941 e 1942. Entre as exposições com participação de crianças estudantes da Escolinha de Arte do Brasil, destacamos: Exposição de Arte Infantil, Firenze, Itália, em 1957; Exposição de trabalhos de crianças brasileiras, Buenos Aires, Argentina, em 1958; Exposição ibero-americana de Arte Infantil, Madri, Espanha, em 1959; Children's Art Bazar, St. Louis, Missouri, EUA, em 1959; Childrens Art, Belfast Irlanda, em 1961; Exposição de Arte Infantil, N.Y., EUA, em 1961 (EAB, 1978).

⁴O poeta modernista Mario de Andrade (1893- 1945) interessou-se pela manifestação artística das crianças e colecionou centenas de desenhos infantis que atualmente estão conservados no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Sobre a temática cf: Coutinho (2002, 2008, 2015).

O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)

“trabalhar com cautela” (Rodrigues, 1973, p. 254), pois, se por um lado, a ideia de abertura de novas Escolinhas propagaria a experiência EAB e a filosofia de “educação através da arte”, por outro lado havia um risco. Sobre a questão, a arte/educadora Noemia Varela, diretora técnica e pedagógica da EAB, entre os anos de 1959 e 1981, ponderou que, “uma instituição se expressa mais na qualidade de suas iniciativas do que na proliferação estereotipada de suas experiências” (Varela, 1977, p. 55). Na avaliação da arte/educadora, “corremos um grande risco aceitando as muitas e multifacetadas Escolinhas de Arte que surgiram no País, principalmente, na década de 1950” (Varela, 1977, p. 55), quando, “muitas escolinhas” foram fundadas “sem a necessária vinculação ideológica e formativa com a experiência do Rio de Janeiro, porque o Brasil não é brincadeira, é grande, e há outro aspecto, iniciativas de sucesso ficam na moda” (Varela em EAB, 1978, p. 395).⁵ Como cuidar para que não houvesse um propenso desgaste da experiência e da nomenclatura Escolinha? Como evitar possíveis práticas inócuas e trabalhar no sentido de expandir as diretrizes filosóficas e metodológicas da EAB?

Ponderamos que uma solução encontrada para o problema ocorreu com a criação e oferecimento daqueles que se “constituíram como os primeiros cursos regulares, frequentes, continuados, para formação dos professores modernistas de Arte no Brasil” (Barbosa, 2015, p. 394), o “Curso Intensivo de Arte na Educação” (CIAE), nosso objeto de estudo, na pesquisa de doutorado em andamento, denominada *O Curso Intensivo de Arte na Educação e suas contribuições para a formação de arte/educadoras(es) no Brasil*.

A criação do Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE) em 1961, foi resultado, como aponta a arte/educadora Noemia Varela, de uma série de iniciativas realizadas no “período áureo da Escolinha que começou na década de 1950 (...). De certo modo, porque, estivemos sempre atentos e incentivando a preparação de recursos humanos para a educação” (Varela em EAB, 1978, pp. 418-425).

⁵N. Varela, Entrevista concedida a Maria Lúcia Freire. Rio de Janeiro, 1978.

Sidiney Peterson Ferreira de Lima

Escolinha de Arte do Brasil: de espaço exclusivo para ações voltadas para crianças à lugar de formação de professores

*Se muito vale o já feito
Mais vale o que será
Mais vale o que será
E o que foi feito é preciso conhecer
Para melhor prosseguir*

Milton Nascimento, Fernando Brant

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1952. Realizou-se no auditório do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE), à Rua Pedro Lessa 36, com a presença de alguns de seus sócios fundadores - o artista e jornalista pernambucano Augusto Rodrigues e a artista e educadora gaúcha Lúcia Alencastro Valentim - a primeira Assembleia Geral Extraordinária da Escolinha de Arte do Brasil, os trabalhos foram presididos pela educadora Ruth Gouveia. Nesta Assembleia além de eleitas a primeira Presidente da EAB, Cordélia de Moraes Vital, esposa do prefeito, do então Distrito Federal, João Carlos Vital e a psicóloga escolar Elisa Lopes Velloso, como vice-presidente. A Escolinha de Arte do Brasil foi oficializada mediante estatuto em que se lê, entre outras finalidades da instituição: ser um espaço de “oferecimento de Cursos de orientação e de formação de professores” (Rodrigues, 1980, p. 212).

Foi a partir da oficialização da EAB que os professores da rede pública e particular começaram a fazer parte do cotidiano da Escolinha, pois, segundo Augusto Rodrigues, “começaram a participar de cursos oferecidos na Escolinha [que] eram destinados especialmente a educadores, [quando passaram] a diversificar o público atendido” (Rodrigues, 1973, p. 253). Sobre esta abertura da Escolinha, que até então direcionava suas atividades

O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)

especificamente para o público infantil, para cursos de formação de professores, em depoimento, Lúcia Alencastro Valentim,⁶ afirma que:

O Augusto [Rodrigues] ganhou um prêmio de viagem à Europa em 1953 e viajou em 1954, pois havia um período preparatório, uma burocracia a ser cumprida e até o artista ter condições de viajar se passava quase um ano. (...) O Augusto então, viajou, e eu fiquei na direção da Escolinha de Artes do Brasil no lugar que era dele, porque eu era a vice-diretora e todo o trabalho da Escolinha continuou normalmente (...). Naquele mesmo ano da viagem de Augusto, o Anísio Teixeira⁷ me mandou em uma determinada ocasião, uma especialista dele que era de alto nível e que era responsável pelo Programa de Aperfeiçoamento de Professores Bolsistas do Brasil inteiro e que era feito no Rio de Janeiro. Ele dava uns cursos de aperfeiçoamento todos os anos. Vinha gente de todos os estados e geralmente, eram 3 ou 4 de cada estado, formando umas 4 ou 5 turmas de professores. Esta professora especialista era responsável por este trabalho de fazer entrevistas e então ela foi fazer uma avaliação lá na Escolinha de Arte. O Anísio, já tinha uma ideia por trás quando ele mandou essa senhora. Ela passou uma tarde inteira, lá fazendo uma espécie de sabatina comigo. (Valentim em Azevedo, 2000, p. 141)

A especialista, à qual se refere Lúcia Alencastro Valentim, é a professora Lúcia Marques Pinheiro que trabalhava na Direção do então Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) (Rodrigues, 1980). Em seu relatório de avaliação, a professora Maria Lúcia Pinheiro afirma ser a Escolinha de Arte do Brasil, “uma interessante instituição a ser utilizada para estágios de professores de ensino artístico. Sou de parecer que essas oportunidades- do maior interesse para o INEP - deveriam ser aproveitadas” (Teixeira, 1970, p. 6). Esse parecer, “trouxe para a Escolinha um reforço muito grande de recursos de todo o tipo, porque de repente ela deu esse parecer favorável e o Anísio Teixeira pediu imediatamente um curso de Desenho para professoras” (Valentim em Azevedo, 2000, p. 142).

No documento *Escolinha de Arte do Brasil: análise de uma experiência no processo educacional brasileiro* foi registrada a realização

⁶Valentim, L. A. Entrevista concedida a Sebastião Pedrosa, maio /junho de 1991.

⁷Então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, atualmente, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

deste curso, em 1954. Com o título de “Curso de Atividades Artísticas para Professores” em parceria com o INEP, o mesmo teve como coordenadora Lúcia Alencastro Valentim e contou com a participação de 34 professoras, oriundas de vários Estados brasileiros (EAB, 1978). Este curso, na visão de Lúcia Alencastro Valentim, “transformou a Escolinha, esta já não era mais aquele grupinho de crianças reunidas num círculo trabalhando para a gente ver como é que elas evoluíam” (Valentim em Azevedo, 2000, p. 142-143), referindo-se as ações realizadas nos primeiros anos da instituição.

Em 1955, o curso “Teatro escolar para professores de diversos estados do país” foi realizado, também a pedido do INEP, através do seu diretor, Anísio Teixeira (EAB, 1978) que “acima de tudo, via a Escolinha como um núcleo criativo, para desenvolvimento de um trabalho criador, de renovação” (Valentim em Azevedo, 2000, p. 143). Nesse mesmo ano, Lúcia Alencastro Valentim deixa a Escolinha de Arte do Brasil (EAB), em suas palavras:

Quando o Augusto Rodrigues voltou da Europa, trouxe algumas ideias para a Escolinha, mas o que ele não percebeu é que a Escolinha tinha sido transformada numa outra coisa com o advento dessas professoras, desses programas para as escolas e etc. Então nós nos desentendemos, porque eu achava que o que ele queria não ia dar certo pela maneira como estava sendo colocada para uma Escolinha totalmente diferente dos ideais dele. Com esse desentendimento, eu achei que deveria me afastar da Escolinha, porque, afinal de contas, ele é quem tinha o nome da Escolinha. (Valentim em Azevedo, 2000, p. 143)

Apesar de seu afastamento, Lúcia Alencastro Valentim permaneceu colaborando com os cursos de especialização e formação de professores na EAB, inclusive como professora nas primeiras edições do CIAE, conforme ser a apontado mais adiante. O que desejamos aqui é registrar sua importância neste momento de “transição” da Escolinha de Arte do Brasil, de um espaço de experiências centrado na realização de atividades com crianças para um espaço de especialização e formação de professores. Consideramos que o trabalho de elaboração e realização desses cursos, em 1954 e 1955, coordenados por Lúcia Alencastro Valentim, foram fundamentais para as efetivas mudanças de foco da EAB.

O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)

Em 1958 um novo curso para professores foi oferecido na EAB, trata-se do “Curso de Atividades Artísticas para Professores”⁸ que ocorreu entre os dias 7 de janeiro e 7 de março de 1958. Neste curso as aulas - teóricas e práticas- foram programadas para ocorrerem as segundas e quartas-feiras das 16 às 19h e as sextas das 14 às 18h. Compunham o quadro docente desse curso: Augusto Rodrigues,⁹ responsável pelas aulas de Arte e educação, Desenho (prática), Formação do professor de atividades artísticas, Interpretação das artes e aulas de Gravura. Cinira Menezes, professora de Evolução do desenho infantil, Ruth Gouveia professora de Desenvolvimento da criança através da recreação, Atividades recreativas, Solange Simas professora de Gravura, Zélia Costa, professora de Trabalhos Manuais, Jeny Marcondes, professora de Música, Eneida de Moraes, professora de Literatura Infantil, Édila Pires, professora de Mímica, Hilton Araújo, professor de Teatro de sombras. No currículo do referido curso consta ainda as seguintes palestras: Arte e sociedade com Darcy Ribeiro, Arte e indústria com Carlos Cavalcanti e Arte decorativa com Quirino Campofiorito.

O programa nos chama atenção pela diversidade de temas, tratados por um corpo docente eclético. Já neste curso a Escolinha de Arte do Brasil inova pela presença de diferentes linguagens artísticas em um mesmo curso de especialização. Nas palavras de uma participante deste curso, a professora Maria Lúcia Freire, trata-se de um curso “inovador e muito importante” (M. L. Freire, entrevista concedida a Sidiney Peterson, 26 de out 2016). As qualificações são realizadas a partir da comparação com a formação na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro da época, instituição que, desde 1943, oferecia o curso de Professorado do Desenho (Delmas, 2012) do qual, segundo Ana Mae Barbosa, os “professores fugiam, porque este, dando uma orientação conteudística e didática em função do desenho geométrico, era um curso que

⁸Apostila do Curso de Atividades Artísticas para Professores de 1958. Acervo Escolinha de Arte do Brasil. Este curso, com a mesma denominação, já era realizado na Escolinha de Arte do Recife, regularmente, desde 1954.

⁹Artista, jornalista e um dos fundadores da EAB.

apenas os profissionalizaria, mas onde pouco se iriam desenvolver como arte/educadores” (Barbosa, 1975, p. 103).

Com a responsabilidade da “presença de professores-alunos nacionais e estrangeiros, cada vez em maior número e com maior interesse em nossa experiência”, os diretores e professores da EAB se perceberam “estimulados e levados a dar nova estrutura aos já existentes e, mesmo a criar novos cursos” (Rodrigues, 1973, p. 254). A ideia era criar outras possibilidades, outros caminhos de formação, renovar àqueles já existentes, para assim, receber mais alunos e, com isso, poder difundir a experiência Escolinha de Arte do Brasil, bem como seu princípio filosófico maior: a educação através da arte.

Naquele mesmo ano de 1958, a arte/educadora Noemia Varela envia uma carta ao diretor-técnico da Escolinha, Augusto Rodrigues. Nesta correspondência menciona “um novo projeto”, “um curso de formação de professores”, abaixo alguns trechos da carta:

Recife, 24 de setembro de 1958.

Augusto,

Há dias falei com Raquel Crasto e Paulo Freire sobre o nosso projeto. Com a primeira, por ter experiência bem próxima do que entendemos como boa orientação de escola pré-primária e primária, tendo procurado, no Instituto Capibaribe, respeitar a auto-expressão da criança e valorizá-la como parte do currículo. Ainda, pelo contato que tem tido com professoras - cursos para concursos e extensão. Em relação à experiência de Paulo, considero-a, sobretudo, pelo aspecto objetivo de sua crítica construtiva às nossas ideias. Raquel considera nossa experiência a base de suas observações diárias. Para ela, as Escolinhas devem funcionar, especialmente, porque não julga suficiente a atividade artística desenvolvida na escola primária. (...). Há muitos fatores a considerar em relação à integração da arte na escola. Não bastam diretores compreensivos - há necessidade de formar professores (...). Em relação ao curso foram essas as suas sugestões: a) melhor formação para compreensão da criança, de forma mais prática possível: psicologia do desenvolvimento, psicologia educacional (aprendizagem e motivação) em função da educação artística. (...) Paulo Freire achou o plano, em suas linhas gerais, ‘um dos melhores em sua fase inicial de planejamento’, entretanto ‘utópico’ se considerarmos nossa realidade. (...). Julga que nosso plano deva ser orientado dentro dos objetivos do Ministério de Educação e Cultu-

O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)

ra. Precisamos dar ao nosso projeto propósitos claros, imediatos, feição prática. (...). Com essa observação Paulo deseja defender nosso projeto frente ao julgamento do M. de Educação. Sugeriu também que o curso poderia ter uma parte introdutória - série de conferências sobre a realidade brasileira no plano da educação de base, levantamento de problemas críticos da educação entre nós, fundamentação filosófica ligada à arte e educação, como também à indústria e ao desenvolvimento econômico. Lembrou que o próprio Anísio Teixeira poderia integrar essa equipe de conferencistas (...). Quanto as matérias do curso, pensando na formação de professores, opinião de Paulo foi bem clara: além da parte criadora, do desenvolvimento estético da aluna-professora, focalizar as matérias de cultura geral. Creio que já temos muitas sugestões a considerar e com elementos comuns. Aguarde a opinião de [Antônio] Baltar com quem falarei amanhã. (...). Poderemos divulgar amplamente o que de melhor se fizer durante o curso (entrosamento das Escolinhas). Noêmia. (Rodrigues, 1980, p. 76- 77).

Do enunciado observamos questionamentos, sugestões e contextualizações presentes no projeto estruturado a partir de algumas importantes leituras, do ponto de vista educacional, cultural e de experiências com a educação. Mostra ainda um interesse: a criação de curso de formação de professores e, a partir deste a divulgação para o entrosamento das Escolinhas, em suas práticas e fundamentações. Noêmia Varela sentia a necessidade de fundamentação teórica para enfrentar oposições ao projeto, assim como para construir bases filosóficas, educacionais e culturais para ensinar a ensinar artes.

No inverno de 1959, oito meses após o envio da carta mencionada acima, a arte/educadora Noemia Varela se afasta de suas funções na Escolinha de Arte do Recife (EAR)¹⁰ e da Escola de Belas Artes de Pernambuco, instituição onde era professora de Didática do desenho (Varela, 1986) desde 1954, e segue para o então Distrito Federal, onde passou a exercer a função de professora e diretora técnica e pedagógica na EAB.

No início de 1960, as estudantes, recém-formadas pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA-UFRGS), Iara Mattos Rodrigues, Berenice Gorini Rodrigues,

¹⁰As funções realizadas por Noemia Varela passaram a ser exercidas, na Escolinha de Arte do Recife pela arte/educadora Ana Mae Barbosa (Lima, 2014)

Dione Greca Moraes e Elisabeth Prates Dias, também chegam à cidade do Rio de Janeiro, encaminhadas por sua professora, a desenhista e pintora, Alice Arдохain Soares (1917- 2005) para realização de um “curso especial” na Escolinha de Arte do Brasil. A ideia, desse “grupo de companheiros de bancos escolares, ex-alunos do Instituto de Artes” (Corona, 1977, p. 200), era “realizar aquele curso especial [e] ao retornar, criar uma Escolinha de Arte, (...) nos moldes daquela existente no Rio de Janeiro, em suas linhas de pensamento de educação através da arte” (Corona, 1977, pp. 200-201).

O grupo gaúcho foi aceito pela EAB, juntamente com professores do Rio de Janeiro, Bahia, Rondônia e Guanabara (Varela, 1986), para realização de um “estágio intensivo” que teve duração de um mês. Nessa experiência, “os debates programados reuniam estagiários e professores, das 9:00 às 17:00 horas, porém, o dia de trabalho terminava quase sempre às 21:00 horas” (Varela, 1986, p. 16). Durante os encontros, procurava-se analisar “a experiência Escolinha de Arte do Brasil em sua estrutura e dinâmica, em seus processos e técnicas, em seus princípios fundamentais” (Varela, 1986, p. 16).

No “estágio intensivo” não havia hierarquias, “estavam todos envolvidos no diálogo e nas experiências criativas [e] as conferências e os estudos de textos e livros eram instrumentos para esclarecer o processo em marcha e seus aspectos educativos” (Varela, 1973, p. 9), os estudos teóricos eram “muito importantes, [mas] havia também muito interesse na parte prática, no próprio processo criativo” (Varela, 1973, p. 9). De acordo com Noemia de Araújo Varela, coordenadora desse “estágio intensivo” na EAB, esta foi uma “experiência-matriz, de resultados surpreendentes” (Varela, 1973, p. 10). As experiências realizadas nesse estágio intensivo “apontaram para uma nova modalidade de curso: em tempo integral, estruturado com mais profundidade, congregando interessados de todo o país” (Varela, 1986, pp. 16-17): o Curso Intensivo de Arte na Educação.

Sobre Curso Intensivo de Arte na Educação: alguns apontamentos

Ao completar treze anos de existência, em 1961, a Escolinha de Arte do Brasil mantinha tão forte repercussão no contexto educacional brasileiro que, até aquele momento, já se contava vinte e oito Escolinhas (Rodrigues, 1980), ligadas filosófica, ideológica e conceitualmente à EAB, em funcionamento. Expansão que deu origem ao que veio a se intitular Movimento Escolinhas de Artes, uma “organização formada por educadores [artistas, psicólogos/as] brasileiros [e estrangeiros] que se estendeu a outros países da América do Sul a qual tinha como objetivo difundir o ideal de educação através da Arte” (Antonio, 2012, p. 14). Um ideário que se construía na Escolinha de Arte do Brasil e no Movimento Escolinhas de Arte, tendo como base teorias e práticas latinoamericanas, europeias e norte-americanas que diferente de um pensamento relacionado a “influências”, podem ser compreendidas como “trânsitos”, fundamentais, para os distintos processos de criação das práticas realizadas nas diferentes Escolinhas de Arte, espalhadas pelo Brasil e América do Sul.

Naquele mesmo ano, de 1961, ocorreu na EAB o primeiro “Encontro do Movimento Escolinhas de Artes” (Rodrigues, 1980) que reuniu diretores e coordenadores de diferentes Escolinhas. Dentre as principais discussões realizadas durante o Encontro, a definição de novas diretrizes de integração das Escolinhas com o ensino formal e a formulação de novas perspectivas para o futuro do MEA. Tais objetivos buscavam fortalecer o ensino de Artes nas escolas de Educação básica, em face da Reforma Educacional que se instalara no Brasil, a LDB 4024/61, que transformou o ensino de Artes, na educação formal “em atividade complementar de iniciação artística” (Ferraz e Fusari, 2009, p. 39).

Com base nas normas adotadas para o ensino de Artes na educação básica, outro ponto de discussão dizia respeito à necessidade de desenvolvimento de um currículo apoiado na estrutura metodológica das práticas educativas do MEA. Este currículo deveria contemplar a formação de um novo mestre (Rodrigues,

1980), dentro dos ideais filosóficos e metodológicos daquele movimento. Com as ideias em discussão, pretendia-se a formação de um professor atualizado, consciente das tendências e transformações no ensino de Artes.

É nesse contexto que se propõe a ideia de criação do CIAE, um curso que se configura “como marco histórico no processo de formação de professores para o ensino de Artes” (Silva, 2015, p. 42), considerando suas proposições teóricas e metodológicas, baseadas na educação através da arte.

Presente na bibliografia que se ocupa da análise do Movimento Escolinhas de Artes no Brasil, Varela (1986), Barbosa (2008), Antonio (2012), Frange (2001), Azevedo (2000), Nascimento (2005), Silva (2005, 2015), Ferraz e Fusari (1991, 2009), Lima (2014), o Curso Intensivo de Artes na Educação, durante os vinte anos em que foi realizado (1961- 1981) teve como diretora técnica e pedagógica a arte/educadora Noemia Varela, para quem a experiência no CIAE pode ser reconhecida como um caminho que buscava por “respostas mais adequadas sobre a formação do professor” (Varela em Frange, 2001, p. 182), ou ainda, a formação do “novo mestre” (Varela em Frange, 2001, p. 192).

O que se diz e se escreveu sobre o Curso Intensivo de Arte na Educação

Em recente revisão histórica, a arte/educadora Ana Mae Barbosa (2015) refere-se ao CIAE como “o primeiro curso regular, frequente, continuado, para a formação dos professores modernistas de Artes no Brasil” (p. 394).

Foi sob essa orientação identificada como modernista que, em 20 anos de sua existência, o CIAE “formou aproximadamente 1.200 (mil e duzentos) arte/educadores” (Silva, 2015, p. 43) procedentes de “todas as regiões do Brasil, vindos também da Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai, Peru, Venezuela, Honduras, Panamá, Portugal, França e Israel” (Varela, 1986, p. 20).

A grande procura pelo CIAE, se por um lado pode ser apontada pela quase inexistência de cursos dessa natureza no Brasil (An-

tonio, 2012), por outro pode ser entendida pelas inéditas características do curso oferecido na EAB, entre elas a reestruturação, a cada edição, do seu corpo docente “na medida de seu conteúdo, interesses e necessidades dos alunos e da Escolinha e de nosso sistema educacional” (Varela em Frange, 2001, p. 187).

Havia, desde as primeiras edições do CIAE, de acordo com a leitura de textos publicados (Barbosa, 2008; Varela, 1986; Lima 2012, 2014; Antonio, 2012; Silva, 2015), com a análise de documentos e nos depoimentos de participantes desse curso, o interesse em reunir um corpo docente conformado por diferentes formações e concepções culturais, políticas e educacionais.

Das primeiras edições do CIAE participaram educadoras e educadores brasileiros como Augusto Rodrigues, Ferreira Gullar, Noêmia Varela, Nise da Silveira, Anísio Teixeira, Cecília Conde e docentes oriundos de outros países como Helena Antipoff e Lea Elliott. Em edições posteriores, são apontados como colaboradores os brasileiros Abelardo Zaluar, Laís Aderne, Ana Mae Barbosa, Liddy Mignone, Silvia Aderne, Maria Lúcia Freire, Genny Marcondes Ferreira, Pedro Domingues, Edison Carneiro, José Maria Neves, Carlos Cavalcanti, e educadores argentinos como Maria Fux e Ilo Krugli.

Ainda colaboraram, em diferentes edições do curso, profissionais de áreas diversas como “o técnico de futebol, o artista, o Artesão, a atriz, o crítico de arte, o jornalista e o poeta” (Varela, 1986, p. 18), em palestras e oficinas que tinham como finalidade a ampliação da percepção dos cursistas participantes. Essa diversidade constituiu fonte de renovação e transformação do CIAE (Varela, 1986).

Como estratégia de renovação conceitual, teórica e metodológica, no intervalo entre uma edição e outra do CIAE, a partir de 1963, conforme depoimento de Noêmia Varela, a “Escolinha passou a promover cursos de curta duração sobre a arte no processo educativo, que foram testados para integração de novos conteúdos nos cursos intensivos” (Varela em Frange, 2001, p. 188).

Denominados de “Ciclos de Estudos”, estes cursos de curta duração trataram de diferentes temas como: “Educação Criadora”,

programado e realizado pelo artista e Creative Educator Tom Hudson¹¹; “Desenvolvimento Criador e Linguagem Pessoal” também realizado por Tom Hudson; “Linguagem Expressiva e criadora” sob a orientação de Ilo Krugli; “Dança na Educação” que foi orientado pela especialista desse campo Maria Fux; “Educação Musical” com Cecília Conde e “Arte na Escola” realizado por Noemia Varela e Augusto Rodrigues. Cada um desses cursos trouxe novos elementos para a renovação dos programas e corpo docente dos cursos intensivos anuais.¹²

Em documento datilografado, em 1973, é possível verificar que, a edição do Curso Intensivo de Arte na Educação naquele ano, apresentava a seguinte programação: 4 meses de duração, as segundas e quintas-feiras, das 10h às 12h e das 14h às 17h; as terças, quartas e sextas-feiras, das 8h30 às 11h30 e das 14h às 16h. Eram aceitos até 20 alunos por turma (previsão média) que deveriam atender aos seguintes requisitos: ser estudante de Artes, pedagogia e áreas afins, ser professor do 1º e/ou 2º grau, com prática de ensino; professor de Artes (Artes plásticas, música, teatro, literatura, dança, etc); professor de Artesanato, orientador de ensino, artista.¹³

No conteúdo programático dessa edição constam os seguintes temas:

Ensino criativo/Arte-Educação, Artes e personalidade, criatividade e desenvolvimento, o processo da ação criativa, o homem e sua Artes, natureza da Arte, introdução à apreciação artística, a Artes da criança e do adolescente- e seus aspectos educativos, Arte na educação, experiências criativas, estudos sobre literatura, cinema, fotografia, dança, teatro e Artes plástica na educação, desenho, pintura, o livro no processo educativo, rádio e tv de massa, levantamento e pesquisa de outras experiências criativas, trabalhos práticos com materiais diversos, aulas teóricas e projeções.¹⁴

¹¹Forma de apresentação de Tom Hudson no folder original com informação sobre o Curso.

¹²Informações verificadas em documentos sobre o CIAE localizados no acervo pessoal da arte/educadora Ana Mae Barbosa.

¹³Informações verificadas em documento que faz parte do acervo doado por Noemia Varela à Escolinha de Artes do Recife. Neste projeto, utilizamos uma cópia do mesmo que foi, gentilmente, cedida pela arte/educadora Maria das Vitórias Negreiros do Amaral.

¹⁴Informações verificadas em documento que faz parte do acervo doado por Noemia Varela à Escolinha de Artes do Recife.

O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)

Os conteúdos mencionados acima indicam uma proposta de formação de arte/educadoras(es) baseada no contato, discussão e experiências com diferentes linguagens artísticas, meios de comunicação e aprofundamento de saberes acerca de materiais, por meio de aulas teóricas e práticas em um curso com foco no entrosamento entre arte e educação.

Nosso contato com o CIAE vem ocorrendo desde o desenvolvimento da pesquisa de mestrado sobre a Escolinha de Artes de São Paulo (EASP) (Lima, 2014) em que analisamos as práticas educativas realizadas nesta instituição e onde verificamos a realização de duas edições do CIAE, ambas em 1971, o que confirma que o CIAE foi realizado além da Escolinha de Artes do Brasil em outras instituições ligadas ao MEA.

Ao buscar depoimentos que pudessem auxiliar na pesquisa de forma mais ampla sobre o CIAE, em 2013 realizamos entrevistas com Cecília Conde, professora de música na EAB/CIAE e com a educadora e psicóloga inglesa Lea Elliott, colaboradora nas primeiras edições do CIAE. A análise dessas entrevistas apontou para diferentes características do CIAE, entre elas determinadas propostas de formação que se aproximavam do que denominamos de “práticas multiculturais”. As reflexões sobre tais aspectos resultaram na escrita do texto *A formação de professores no CIAE: perspectivas multiculturais* (Lima, maio de 2013).

Durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, tendo como fontes recortes de jornais, depoimentos de professoras e alunas da EASP e em publicações da época, percebemos que se por um lado havia identificações entre os objetivos do curso oferecido na Escolinha de Artes do Brasil e o oferecido na capital paulista, por outro lado diferenças se apresentaram quanto às concepções teórico-metodológicas e duração de cada edição, o que sugere que cada Escolinha, além de São Paulo¹⁵, organizou,

¹⁵No documento *Escolinha de Artes do Brasil: análise de uma experiência no processo educacional brasileiro* (INEP, 1980), verificamos que até 1981 foram criadas 144 Escolinhas. No mesmo documento observamos que o CIAE foi oferecido na Escolinha de Artes do Recife, Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS e, dentre as Escolinhas ligadas ao MEA no exterior, na Escolinha de Artes do Paraguai.

interpretou e realizou a formação de professores de acordo com as necessidades apresentadas, em cada contexto.

É importante ressaltar que, em 1971, ano de realização do CIAE em São Paulo e em outros Estados brasileiros, entrava em vigor a Lei Federal Nº 5692 em que a Educação Artística ganhou espaço e status nos currículos da educação básica. As implicações decorrentes da aprovação dessa Lei Federal, como a obrigatoriedade da disciplina Educação Artística no ensino de 1º e 2º graus, “aumentaram a procura do Curso Intensivo de Artes na Educação” (Varela, 1986, p. 19).

Naquele contexto, o MEA, representado por educadores, psicólogos e artistas teve influência direta na gestão da inclusão da Educação Artística nos currículos levando o Ministério da Educação a organizar em conjunto com representantes da EAB o curso denominado: Educação Artística no Ensino de 1º grau, sob a orientação de Noemia Varela, Maria Helena Novaes e Augusto Rodrigues (Lima e Coutinho, 2012). Este curso tinha como público alvo professores e técnicos das secretarias de educação¹⁶ e apresentava como objetivo a orientação para a implantação da Educação Artística no currículo escolar de acordo com o artigo 7º da Lei 5692/71 (Barbosa, 2008).

Este posicionamento nos permite acreditar que a inclusão da Educação Artística no currículo escolar seria o resultado do desejo de professores já envolvidos com o MEA de expandir o ideário de educação através da arte na escola formal e tinha o CIAE como um programa de formação para novos mestres que formaria arte/educadores que atuariam em salas de aula (Lima e Coutinho, 2012).

Dos delineamentos para uma compreensão sobre o CIAE: sobre uma forma de olhar para essa experiência no campo de formação de arte/educadores

A Arte/Educação é epistemologia da Arte (Barbosa, 1998), é campo de construção de saberes através de práticas educativas no

¹⁶Informação verificada no documento de programação do referido curso. Este documento pertence ao acervo pessoal da Arte/educadora Ana Mae Barbosa.

O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)

âmbito da educação formal e não formal. Como apontam Silva e Araújo (2008), a Arte/Educação é campo de conhecimento empírico-conceitual que, tornou-se aberto a diferentes enfoques e vêm agregando em seu corpus uma diversificada linha de atuação, estudos e pesquisas, tais como: a formação de professores para o ensino de Artes.

Em análise sobre a formação de arte/educadores no Brasil, durante o *I Simpósio Internacional de História da Artes Educação* (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP), realizado em 1986, Noemia Varela apontou para a necessidade de “penetrar nessa questão básica, estar no âmago do processo de formação do arte/educador, agindo na busca por respostas” (Varela, 1986, p. 11). Cada vez mais, diz a autora, é preciso “aprofundar uma tomada de consciência essencial quanto a esse processo, o que exige, conseqüentemente, um constante pensar e repensar a formação do arte/educador” (Varela, 1986, p. 11).

Interessa-nos, na pesquisa em andamento, pensar e repensar a formação de arte/educadores no Brasil na trajetória do CIAE, ou seja, a partir de uma perspectiva histórica que nos permita “recriar o passado, ora circundando os fatos, dando-lhes luz e cor próprias, ora tecendo as teias das relações e dependências entre eles” (Coutinho, 1994, p. 26). Trata-se de uma pesquisa centrada no presente, mas que sugere trânsitos com o passado e com o futuro, sem a pretensão de recuperar um fato, pois, concordando com Bredariolli (2009) os eventos passados não são blocos maciços, imóveis, mas sim acontecimentos passíveis de interpretação.

Com o intuito de discutir o conceito de novo-mestre e sua prática educativa, finalidades almejadas pelo programa de formação no CIAE, recorreremos aos estudos do modo de endereçamento¹⁷,

¹⁷O modo de endereçamento é um termo que teve suas origens nos estudos fílmicos. Ellsworth (2005) coloca que a partir do momento que os teóricos do cinema passaram a compreender o modo de endereçamento como um evento, e não mais como algo que está no filme, a autora passa a se dedicar aos estudos voltados à Educação e aos Estudos Culturais. O modo de endereçamento passa então a ser definido como um evento invisível, que acontece em algum lugar entre o social e o individual.

trazidos pela autora Elizabeth Ellsworth (2001, 2005) como abertura para problematizar os planejamentos pedagógicos presentes na referida experiência, e ainda, como forma de aproximação das ideias recorrentes sobre docência e prática pedagógica para o ensino de Artes, no CIAE, e as possíveis respostas a esses endereçamentos.

Sobre Movimento Escolinhas de Artes e sobre o próprio Curso Intensivo de Arte na Educação, a partir de diferentes perspectivas e que até o momento servem-nos de referência para conhecer o curso e iniciar as análises, guiam-nos os estudos de Noemia Varela (1973, 1986) e Ana Mae Barbosa (1984, 2008) ambas participantes ativas do MEA e do CIAE, bem como pesquisadores que se debruçaram sobre as temáticas como Fernando Antônio G. de Azevedo (2000), Lucimar Bello Frange (2001), Ricardo Carneiro Antonio (2012) e Téoura Benetti (2007).

Na esteira da discussão acerca do MEA e sobre o CIAE, favorece nossa análise o trabalho de Sebastião Gomes Pedrosa (1993), *The influence of English Art Education upon Brazilian Art Education from 1941*, por se tratar de uma tese desenvolvida a partir de coleção, seleção e interpretação de entrevistas, cartas e documentos de conferências coletados na Inglaterra e no Brasil que apontaram para influências teórico/metodológicas inglesas no ensino de arte brasileiro.

Em se tratando do campo de ensino de Artes, especialmente com a linha de pesquisa sobre história do ensino de arte no Brasil cuja grande referência é a arte/educadora Ana Mae Barbosa (2008, 2015), pois, suas pesquisas oferecem a possibilidade de entendermos o contexto e as implicações diversas em que se insere, historicamente, o ensino de arte no Brasil no período que desejamos pesquisar. Também fundamentam nosso pensamento os estudos realizados por Rejane Galvão Coutinho (1997, 2002), Erinaldo Alves do Nascimento (2005), Sebastião Gomes Pedrosa (1993) e Rita Luciana B. Bredariolli (2004, 2009), que tem buscado dar segmento as pesquisas históricas.

Também acreditamos ser fundamental o aprofundamento teórico acerca da temática abordada, por isso, investiremos em leituras

críticas específicas sobre o objeto de estudo buscando a elaboração de questões pertinentes que possam corroborar no entendimento do fenômeno estudado. Entre as leituras destacamos a obra *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* de Ecléa Bosi (1994), *Entre memória e história* de Pierre Nora (1993), *A memória coletiva* de Maurice Halbwachs (1990) *A memória, a história e o esquecimento* de Paul Ricoeur (2007), entre outros.

Outra vertente fundamental, dentro do campo de ensino de Artes, é o próprio campo da formação de professores de Artes, que analisaremos a partir dos estudos de Ana Mae Barbosa (1975, 2015), Ana Mae Barbosa e Heloísa Sales (1990), Rejane Galvão Coutinho (2009, 2012), Lucia Gouvêa Pimentel (1999), Lucimar Bello Frange (2009), Rosa Iavelberg (2003) e Lucia Gouvêa Pimentel, Rejane Galvão Coutinho e Leda Guimarães (2009).

As obras *Educação pela Arte* publicada em (2001[1943]) e *A Redenção do Robô* (1986 [1970]), de Herbert Read e *Desenvolvimento da Capacidade Criadora* lançada em 1947 (com versão em português publicada em 1977, pela editora Mestre Jou) de Viktor Lowenfeld e W. L. Brittain são aqui consideradas fontes documentais importantes para o entendimento acerca das concepções de ensino de Artes, durante o período denominado modernista no Brasil, do qual o CIAE fez parte importante.

As obras de Herbert Read são consideradas como referências mais importantes para a Pedagogia da Arte que fundamentaram o Movimento Escolinhas de Arte. Isso se torna evidente quando percebemos que o título de sua obra mais famosa, *Educação através da Arte*, traduz de maneira sintética a filosofia desse movimento que seguiu o argumento central da pedagogia de Read, qual seja, a ideia de fusão completa entre arte e educação.

No caso da obra escrita por Viktor Lowenfeld e W. L. Brittain (1977 [1947]), observa-se que, a partir de Piaget e Freud, os autores difundiram atividades e procedimentos educacionais relacionados com cada fase do desenvolvimento infantil. A repercussão dessa obra, no contexto brasileiro, foi tão marcante que Ana Mae Barbosa (1975) chegou a falar, ao analisar o estado da arte na educação nacional, na existência de uma “lowenfeldmania”.

Por sua vez, no que diz respeito à formação de professores, em geral, a temática será analisada à luz de estudos e pesquisas realizadas por Paulo Freire (2011), Marli André (2002), Antônio Nóvoa (1995), Francisco Imbernón (2001) e José Contreras (2012), entre outras referências.

Para tratar sobre as questões referentes à memória e história, a fundamentação até o momento está composta por Paul Ricouer (2007); Jacques Le Goff (2013); Jeanne Marie Gagnebin (2009); Beatriz Sarlo (2007) e Ecléa Bosi (1994). O campo da escrita da história será possivelmente discutido à luz de Paul Veyne (2008); Jacques Rancière (2014) e Michel Foucault (2014).

Algumas considerações

Pensar, no âmbito da história da Arte/Educação brasileira, a formação de arte/educadoras(es), experiências que se destacam como importantes aportes e rupturas no campo de conhecimento mencionado. Compreender as trajetórias, as personagens, teorias e metodologias que marcaram essa história, experiências como o Curso Intensivo de Arte na Educação aqui entendido como “um desvio” nos modos de se pensar a formação modernista de arte/educadoras(es), no Brasil. Nesse sentido, o presente artigo pode ser mais um ponto de reflexão para se pensar a história da formação de arte/educadoras(es), tendo como ponto de partida o CIAE, que acreditamos, transformou o campo de formação e de atuação em artes e educação, a partir de práticas teórico/metodológicas entendidas como marco na história da Arte/Educação brasileira.

Ao apresentar os desdobramentos da Escolinha de Arte do Brasil, tendo como foco as mudanças que levaram a instituição de um espaço de atividades, estéticas, pedagógicas e artísticas, exclusivamente voltadas para crianças para um reconhecido espaço de formação de arte/educadores, buscamos, através deste percurso apresentar a expressão maior da EAB no campo de formação, o CIAE, uma experiência que tomamos como objeto de estudo e investigação no doutorado, em andamento.

O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)

Pensar a formação de professores, por um viés histórico, é, de certa maneira, pensar retrospectivamente uma trajetória que, a partir da fundamentação teórica apresentada, os fundamentos próprios para o ensinar e o aprender artes, ou seja, como aprendemos e como ensinamos artes? Como nossas práticas estão relacionadas àquelas práticas que observamos foram empregadas, com objetivos similares ou não, em outros momentos, por outras professoras e outros professores? Como criar um espaço de construção de saberes tendo como base nossos conhecimentos históricos?

Finalizamos trazendo a fala de Noemia Varela, palavras que nos provocam e nos impulsionam o movimento de olhar, no presente, por uma fresta em busca de um olhar para a história: “Mas, que devemos pensar da formação do arte-educador? O que dá mais a pensar sobre esta questão e que ainda não foi pensado?” (Varela, 1986, p. 12).

Referencias

- André, M. (2002). *Formação de professores no Brasil (1990- 1998)*. Brasília: MEC, INEP, Comped.
- Antonio, R. C. (2012). *Um oásis de sombra e luz em cada escola: as Escolinhas de Arte e a formação do homem do futuro (1960- 1970)*. Curitiba: UFPR.
- Azevedo, F. A. G. (2000). *Movimento Escolinhas de Arte: em cena Memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa* (Dissertação de mestrado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/ USP), São Paulo.
- Barbosa, A. M. (1975). *Teoria e prática da Educação Artística*. São Paulo: Cutrix.
- Barbosa, A. M. (1983). Para que história? *Revista AR'TE*, 2, 2-4.
- Barbosa, A. M. (1984). *Arte/Educação; conflitos e acertos*. São Paulo: Max Limonad Ltda.
- Barbosa, A. M. (1998). *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte.
- Barbosa, A. M. (2008). *Ensino de Arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva.
- Barbosa, A. M. (2015). *Redesenhando o desenho: educadores, políticas e história*. São Paulo: Cortez.

- Barbosa, A. M. e Sales, H. M. (1990). *O ensino da arte e sua história: 3º Simpósio Internacional sobre o ensino da arte e sua história*. São Paulo: MAC/USP.
- Benetti, T. (2007). História da Escolinha de Artes do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria- RS (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bredariolli, R. L. (2004). Das lembranças de Suzana Rodrigues: tópicos modernos de arte e educação (Dissertação de mestrado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo.
- Bredariolli, R. L. (2009). *XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão: variações sobre temas de ensino da arte* (Tese de doutorado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo.
- Contreras, J. (2012). *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez.
- Corona, F. (1977). *Caminhada nas artes: 1940-1976*. Porto Alegre: URS.
- Costa, F. C. B. (1990). *Escolinha de Arte de Florianópolis: 25 anos de atividade arte-educativa*. Florianópolis: FCC.
- Coutinho, R. (2009). O que fazer com a Cultura Visual da Escola? *VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte*, 8(1), 60-67.
- Coutinho, R. (1994). Reflexões: Por que a história dos fundamentos da Arte/Educação? *Em Ensino de Arte: reflexões. I ENPEART (s/p)*. Recife-PE: Anarte.
- Coutinho, R. (1997). *Sylvio Rabello e o desenho infantil* (Dissertação de Mestrado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo.
- Coutinho, R. (2002). *A coleção de desenhos infantis do acervo Mário de Andrade* (Tese de doutorado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo.
- Coutinho, R. (2008). Mário de Andrade e os desenhos infantis. Em A. M. Barbosa, *Ensino da arte: memória e história* (pp. 157-196). São Paulo: Perspectiva.
- Coutinho, R. (2012). A formação de professores de arte. Em A. M. Barbosa, *Inquietações e mudanças no ensino da arte* (pp. 171-178). São Paulo: Editora Cortez.
- Coutinho, R. (2015). Considerações sobre a construção do ideário da Arte Infantil. Em M. O. de Oliveira, *Arte, Educação e Cultura* (pp. 279-294). Santa Maria: UFSM.

O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)

- Delmas, A. de S. e B. B. (2012). *A construção do currículo do curso de Licenciatura em Educação Artística: desafios e tensões (1971 – 1983)* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- EAB (1978). *Escolinha de Arte do Brasil: análise de uma experiência no processo educacional brasileiro* (Relatório de Pesquisa). Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil.
- Ellsworth, E. (2001). Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. Em T. T. da Silva (Org.), *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito* (pp. 7-76). Belo Horizonte: Autêntica.
- Ellsworth, E. (2005). *Posiciones en la enseñanza: diferencia, pedagogía y el poder de la direccionalidad*. Madrid: Akal.
- Ferraz, M. H. C. e Fusari, M. F. R. (1991). *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez.
- Ferraz, M. H. C. e Fusari, M. F. R. (2009). *Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições*. São Paulo- SP: Cortez.
- Foucault, M. (2014). *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Editora.
- Frange, L. B. (2009). Pesquisas no ensino e na formação de professores: caminhos entre visualidades e visibilidades. Em *Anais do XV CONFAEB* (pp. 118-131). Brasília: MEC.
- Frange, L. B. (2001). *Noemia Varela e a arte*. Belo Horizonte: C/Arte.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da autonomia* (43ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Gagnebin, J. M. (2009). *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- lavelberg, R. (2003). *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto alegre: Artmed.
- Imbernón, F. (2001). *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez.
- Le Goff, J. (2013). *História e Memória* (7ª ed.). Campinas, UNICAMP.
- Lima, S. P. F. de e Coutinho, R. (2012). Abordagem triangular: ziguezagueando entre um ideário e uma ação reconstrutora para o ensino de artes. Em XXII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil (s/p). São Paulo: CONFAEB.
- Lima, S. P. F. de (2012). Escolinha de Arte do Brasil: movimentos e desdobramentos. Em S. C. Geraldo e L. C. da Costa (Orgs.), *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas* (pp. 454-466). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Disponível em http://anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio3/sidiney_peterson_lima.pdf

- Lima, S. P. F. de (2014). *Escolinha de Arte de São Paulo: instantes de uma história* (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (IA-UNESP), São Paulo. Disponível em <http://www.ia.unesp.br/#!/pos-graduacao/stricto---artes/dissertacoes/2014/>
- Lima, S. P. F. de (maio de 2013). A formação de professores no CIAE: perspectivas multiculturais. Em *II Encuentro de las Ciencias Humanas y Tecnológicas para la integración en el Conosur: Diálogos en nuestra América*. Simposio Latinoamericano de Formación de Profesores de Artes: Investigaciones actuales y sus contextos. Universidad Sergio Arboleda, Bogotá.
- Lowenfeld, V. e Brittain, W. L. (1977 [1947]). *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. São Paulo: Mestre Jou.
- Nascimento, E. A. (2005). *Mudanças nos nomes da arte na educação: qual infância? Que ensino? Quem é o bom sujeito docente?* (Tese de doutorado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, 10, 7-28.
- Nóvoa, A. (1995). *Vidas de Professores*. Portugal: Porto Editora.
- Oliveira, M. F. P. (2013). *Escolinha de Arte de Cachoeiro do Itapemirim: resgate de uma história* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória.
- Pedrosa, S. G. (1993). *The influence of english art education upon brazilian art education from 1941* (Tese de doutorado). Birmingham Institute of art and design, University of Central England, Birmingham.
- Pimentel, L. G. (1999). *Limites em expansão: licenciatura em artes visuais*. Belo Horizonte: C/ARTE.
- Pimentel, L. G., Coutinho, R. G. e Guimarães, L. (2009). A formação de professores de arte: práticas docentes. Em L. Jiménez, I. Aguirre e L. G. Pimentel (Coords.), *Educação Artística, cultura e cidadania. Metas Educativas 2021* (pp. 115-122). Madrid: OEI.
- Rancière, J. (2014). *Os nomes da história: ensaios de poética do saber*. São Paulo: UNESP.
- Read, H. (1986 [1970]). *A redenção do robô*. São Paulo: Summus editorial.
- Read, H. (2001[1943]). *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ricouer, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP.
- Rodrigues, A. (1973). Uma experiência criadora na educação brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 59(130), 251-256.
- Rodrigues, A. (Coord.) (1980). *Escolinha de Arte do Brasil*. Rio de Janeiro: INEP.

O Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)

- Sarlo, B. (2007). *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Companhia das Letras, UFMG.
- Silva, E. M. (2005). *Arte como conhecimento: as concepções de ensino de arte na formação continuada dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de Recife* (Dissertação de Mestrado). Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Silva, E. M. (2015). A experiência de ser e tornar-se arte/educador: um estudo sobre história de vida, formação e identidade. Jaboatão dos Guararapes-PE: SESC.
- Silva, E. M. e Araújo, C. (2008). A formação de professores para o ensino de artes no Brasil: qual o estado do conhecimento? Em Anais da 31ª. Reunião Anual da ANPED (pp. 1-13). Caxambu: AMPED. Disponível em http://31reuniao.anped.org.br/trabalhos_ge.htm
- Teixeira, A. (1970). As escolinhas de arte de Augusto Rodrigues. *Arte & Educação*, 1, 3.
- Varela, N. (1973). *Movimento Escolinhas de Arte: imagens e ideias* (vol. 13). Fazendo Artes, Rio de Janeiro: FUNARTE.
- Varela, N. (1977). Formação de Recursos humanos. Em *I Encontro latino-americano de educação através da arte* (pp. 53-65). Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).
- Varela, N. (1986). A formação do arte/educador no Brasil. Em A. M. Barbosa, *História da Arte/Educação. A experiência de Brasília* (pp. 11-27). São Paulo: Editora Max Limonad Ltda.
- Veyne, P. (2008). *Como se escreve a história*. Lisboa: Editora 70.